

Uma força devoradora

UM DOS MAIORES ESCRITORES FRANCESES, QUE VEM A PORTO ALEGRE NESTA SEGUNDA PARA O FRONTEIRAS DO PENSAMENTO, MICHEL HOUELLEBECQ É O CRIADOR DE UM UNIVERSO DESESPERADOR EM QUE O INFERNO ESTÁ EM TUDO

LUIZ ANTÔNIO ARAUJO

luz.araujo@zerohora.com.br

Muito antes de Michel Houellebecq se tornar o maior escritor francês vivo, o adjetivo “houellebecquiano” já havia ingressado no linguajar cotidiano pelos portões do jornalismo e da crítica. Definir o termo pode ser difícil mesmo se você estiver acostumado a lê-lo na forma expressiva que parece ter escolhido de modo definitivo, o romance. E particularmente difícil se você vive num universo povoado por repartições públicas, Fnacs, telejornais repletos de manifestações e atentados – em resumo, um universo houellebecquiano.

Melhor recorrer ao próprio Michel Houellebecq, como se chama o narrador de *Extensão do domínio da luta* (1994): “Não gosto deste mundo. Decididamente, eu não gosto dele. A sociedade na qual vivo me desgosta; a publicidade me enjoa; a informática me faz vomitar. Todo o meu trabalho de profissional de informática consiste em multiplicar as referências, as verificações, os critérios de decisão racional. Isso não faz nenhum sentido. Para falar francamente, é mesmo totalmente negativo; um acobertamento inútil para os neurônios. Este mundo tem necessidade de tudo, menos de informações suplementares”. Ou a outro Houellebecq, o escritor célebre que alcança ao protagonista de *O mapa e o território* (2010), também artista, uma coletânea de conferências na qual se lê: “Eis em síntese nossa posição de artistas: nós somos os últimos representantes do artesanato no qual a produção mercantil desferiu um golpe fatal”. Ou ainda a Bruno, de *Partículas elementares* (1998): “Muitos anos depois, Bruno seguia na dúvida. Aquelas coisas tinham passado; tinham relação direta com um menino tímido e obeso, cujas fotos guardava. Esse menino estava relacionado com o adulto devorado pelo desejo em que havia se convertido. Tinha tido uma infância penosa, uma adolescência atroz; aos quarenta e dois anos ainda estava, objetivamente, longe da morte. Que lhe restava viver? Talvez alguns boquetes pelos quais, bem sabia, pagaria cada vez com mais facilidade. Uma vida voltada para uma meta deixa pouco espaço para a lembrança”.

A ficção de Houellebecq foi um sopro de ar numa década em que os franceses tinham se tornado presa fácil para *Brida*, de Paulo Coelho. Mas não o ar límpido da literatura que ousa dizer seu preço, e sim uma lufada fétida como o cheiro de carne putrefata que se sente a certa altura no interior do escritório de *Extensão do domínio da luta*. Ao esfregar o nariz do leitor na repulsiva intimidade de seus personagens anódinos, Houellebecq cria um universo desesperador. Comunicação, para suas criaturas, nada mais são do que alçapões para círculos mais profundos da danação. O inferno, nessa cosmologia, não são apenas os outros, mas tudo aquilo que poderia ser associado à ideia de remissão: amor, sexo, compaixão. O único ativismo possível é o da morte, mas seus heróis parecem condenados a contemplar esse prêmio sem jamais merecê-lo. É irônico que um escritor assim tenha sido chamado de “pornográfico”.

Uma coincidência infeliz, mas perfeitamente houellebecquiana, fez com que seu mais recente romance, *Submissão* (2015), fosse associado ao infame atentado contra a redação da revista Charlie Hebdo, no início do ano passado. Naquele dia 7 de janeiro, chegava às bancas uma edição do jornal humorístico com uma capa dedicada ao escritor – mais precisamente, ao livro, então prestes a ser lançado.

Drama político do mais alto quilate, *Submissão* passa-se na França de 2022, na qual o fictício partido Irmandade Muçulmana acaba de eleger o primeiro presidente muçulmano da República, Mohammed ben Abbas. O homem, também nesse caso, tem uma circunstância: a eleição de Ben Abbas só foi possível porque o Partido Socialista, do presidente François Hollande, cumpriu dois mandatos catastróficos e não teve alternativa a não ser se aliar aos islamistas a fim de deter o caminho da direita Frente Nacional em direção ao poder. O governo eleito é majoritariamente socialista, cabendo à Irmandade Muçulmana o cargo de presidente e o Ministério da Educação Nacional. O protagonista, François, docente que



pesa vantagens funcionais de aderir ao novo establishment, é o retrato de um país à deriva.

Antes mesmo do atentado, *Submissão* foi tratado por alguns como islamofóbico. O ataque – que, obviamente, não tinha nenhuma relação direta com o livro – pareceu confirmar esse diagnóstico. A foto do Boulevard Voltaire (com Hollande, Angela Merkel, David Cameron, Serguei Lavrov, Binyamin Netanyahu, Mahmoud Abbas e outros embalados pelo lema “Je suis Charlie”, também onipresente nas redes sociais), que nada fica a dever à distopia do romance, de pouco valeu para chamar esses críticos à razão. É discutível se a arte do destino contribuiu, nesse caso, para a leitura do livro.

Quanto a Houellebecq, por certo o episódio não modificou seu imensurável desprezo pelo Islã. Ao que se saiba, ele tampouco considerou necessário formular juízo sobre os muçulmanos de carne e osso além do que está em seus livros. Não há o que estranhar nessa atitude. Aquilo que os atiradores de Paris entendem por Islã tem pouco a oferecer a alguém como Houellebecq, para quem a possibilidade de transcendência parece ser a única questão filosófica e artística digna de atenção. Para o escritor, porém, a ideia de paraíso é ridícula, e a de inferno, banal. Se há algo que mereça ser levado a sério, é a tentativa da arte. Num ensaio de 1999, sobre o escritor americano H. P. Lovecraft (1890-1937), ele escreveu: “Este homem que falhou na vida, teve sucesso, finalmente, ao escrever”. E, depois de listar as realizações do autor de *Nas montanhas da loucura*, afirmou: “Tudo isso não teria sido talvez suficiente se não sentisse, no centro de tudo, a pressão de uma devoradora força interior”.

Talvez com Houellebecq não seja muito diferente.



KOSZTICSÁK SZILÁRD, DIVULGAÇÃO, BD, 19/04/2013

Ele é terrível

PROVOCADOR DESDE O INÍCIO DA CARREIRA, CRÍTICO DAS IDEOLOGIAS DE ESQUERDA HEGEMÔNICAS NA FRANÇA, HOUELLEBECQ PROVOCOU POLÊMICAS TANTO POR SUAS OBRAS QUANTO POR SUAS DECLARAÇÕES À IMPRENSA

CARLOS ANDRÉ MOREIRA
carlos.moreira@zerohora.com.br

A estreia de Michel Houellebecq como romancista (antes já havia publicado poesia) se deu em 1994 com *Extensão do domínio da luta*, mas seu nome extravasou as fronteiras da França com o lançamento, em 1998, de *Partículas elementares*, um livro no qual ele estabeleceu as bases em que operaria consistentemente ao longo das décadas seguintes: romances com um olhar satírico sobre utopias coletivas do século 20 e desprezo pelo que o autor considera o caráter invertebrado da sociedade hedonista contemporânea. Tais posicionamentos, veiculados em prosa tão direta quanto veemente, não demorariam a acertar vários alvos e a provocar polêmicas que ajudaram a sedimentar a fama do escritor como *enfant terrible* da literatura francesa – fama que ele ainda mantém, mesmo não sendo mais um garoto.

Partículas elementares é um livro no qual dois irmãos completamente perdidos vivem vidas sem sentido ou afeto, resultado do fracasso da ideologia nova era que balizou a forma como seus pais os trataram, especificamente a mãe, uma hippie que abdica da maternidade para viajar pelo mundo. O

tom ácido do livro provocou uma enxurrada de críticas, já que veio a público em uma época em que a sombra dos movimentos de maio de 1968 era muito mais longa, antes da ascensão dos novos conservadorismos e nacionalismos da última década. Com um de seus críticos mais ferozes, o filósofo Bernard-Henri Lévy, ele trocou farpas em artigos e entrevistas por uma década, até que, em 2008, ambos decidiram engajar-se em uma correspondência por cartas ao longo de seis meses, e o resultado foi um livro, provando que, provocador ou não, Houellebecq tem o hábito muito francês de não fugir do debate com seus desafetos.

No Brasil, *Partículas elementares* também teve sua cota de polêmicas. Um dos motivos foi a descrição que Bruno, um de seus personagens, faz do país. Depois de planejar com ironia uma possível viagem de férias ao Brasil, Bruno desdenha da ideia em termos nada simpáticos: “Conforme tudo o que sabia, o Brasil era um país de merda, povoado de brutos fanáticos por futebol e por corridas de automóvel. A violência, a corrupção e a miséria estavam no apogeu. Se havia um país detestável, era

justamente, e especificamente, o Brasil”.

Houellebecq veio ao Brasil em 1999 para promover a edição brasileira do romance – esteve na Feira do Livro em novembro daquele ano, e foi muito interrogado sobre o sentido dessa passagem. Precisou explicar mais de uma vez que, no contexto do livro, aquilo equivalia mais a uma sátira do desconhecimento generalizado do macho francês a respeito do mundo do que apenas do Brasil.

Na esteira das encrencas em que Houellebecq se meteu por causa do livro, não escapou nem a própria mãe. Literalmente. A tresloucada e devassa mãe de *Partículas elementares* tinha base real em Lucie Ceccaldi, mãe do autor, uma hippie franco-argelina que o deixou aos cuidados dos avós ainda na infância (Houellebecq é o nome de solteira da avó que o criou). Ao longo de sua carreira, o autor chegou a comentar em uma entrevista que sua mãe já havia morrido. Mas em 2008, ainda viva e com mais de 80 anos, Lucie reapareceu e lançou seu próprio livro de memórias, *A inocente*, um ataque devastador ao filho, a quem descrevia como um “bastardinho mau e estúpido” e “um mentiroso, um impostor, um parasita e, acima de tudo, um pequeno arrivista pronto para fazer absolutamente qualquer coisa por dinheiro e fama”. Houellebecq permaneceu em olímpico silêncio, o que até serviu para arrecadar alguma simpatia, dados os frequentes ataques feitos por Lucie ao longo da turnê de promoção do livro. Para ela, sua origem argelina seria uma das razões por que Houellebecq sempre foi tão agressivo com os árabes ao longo de sua carreira.

Em 2001, por exemplo, em uma entrevista à revista *Life*, Houellebecq declarou que o Islã era “a mais estúpida das religiões”. A repercussão foi tamanha que associações muçulmanas francesas processaram o escritor, acusando-o de racismo – ele foi inocentado em 2002. Soma-se a esse histórico a coincidência em que se viu envolvido em janeiro de 2015. Às vésperas de lançar *Submissão*, seu romance no qual imagina uma França em que um partido islâmico chega ao poder, ele estava na capa do *Charlie Hebdo* na exata semana em que terroristas islâmicos invadiram a redação do jornal humorístico francês e mataram 12 pessoas. Houellebecq cancelou a turnê promocional do livro e passou a andar escoltado, mas mesmo assim sua situação não despertou a mesma solidariedade oferecida a Salman Rushdie em 1989, por exemplo.

– Muita gente por aí ficaria muito feliz se eu fosse morto – declarou, em uma entrevista ao jornal português *Público*, em junho de 2015.

Fronteiras do pensamento

▼ **Michel Houellebecq** estará em Porto Alegre na segunda-feira, **7 de novembro**. O encontro será às 19h45min no Salão de Atos da UFRGS (Paulo Gama, 110). Os ingressos estão esgotados. A última palestra do ciclo será de **Jan Gehl** (21 de novembro).

▼ O Fronteiras do Pensamento Porto Alegre é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e parceria cultural PUCRS. Empresas parceiras: Liberty Seguros, CMPC Celulose Riograndense, Souto Correa, Sulgás e Stihl. Parceria institucional Hospital Mãe de Deus, Fecomércio e Uniced e apoio institucional UFCSPA, Embaixada da França e prefeitura de Porto Alegre. Universidade parceira: UFRGS. Promoção: Grupo RBS.